



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BORGES, Paulo. Sobre mãos: Da mãozada à terapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

SOBRE MÃOS: DA MÃOZADA À TERAPIA

Paulo Borges

RESUMO

A apresentação deste artigo refere-se à parte teórica do pôster homônimo e destina-se a ilustrar uma reflexão a respeito das mãos presentes no trabalho clínico da vegetoterapia e na construção sócio-cultural de signos e expressões representados pelas mesmas. Ao situar a importância das mãos do terapeuta e as do sujeito em terapia apontaremos a mão como *enunciador* de sentidos pelo qual são expressos complementos não verbais e expressões inconscientes mobiliados através dos actings sobre os segmentos das couraças neuro-musculares cervical e toraxico. Em contrapartida cotidiana, indicaremos alguns gestos que expressam valores e verdades e emoções não verbais. Por fim, toda a ilustração verbal e escrita visa apontar expressões não verbais que o corpo socialmente construído revela tanto na rua (cotidiano) quanto na clínica, onde são trabalhados durante o processo terapêutico da vegetoterapia.

Palavras-chave: Segmento de couraça cervical e toraxica, vegeto-terapia e cotidiano.

As mãos revelam emoções e isto é observável por qualquer pessoa, tendo as, ou não. Mágicos, ilusionistas, artistas plásticos, músicos ou médicos. E também aqueles que fazem daquelas, pedidos roubos: mendigos e ladrões. A utilização das luvas pelos mágicos, por exemplo, enfatizam e realçam as mãos chamando a atenção do respeitável público para as minúcias da comunicação visual em movimento. Os mímicos expressam emoções, narrativas e personagens através de um trabalho corporal onde as mãos recebem um destaque primário. Além do rosto, inevitavelmente.

Contudo, não é só de criação vivem as mãos. Os que se sentem culpados ou “sujos” negam-nas ou as escondem. Até mesmo elas, as mãos, agem “involuntariamente” em momentos de susto, nojo ou alegria, revelando à pessoa sentidos ou reações que aumentam a carga de expressividade e consciência de seus desejos e reações. Gestos obscenos, de paz, de sinalização ou de intensidade são construídos em todas as sociedades e podem variar de região para região de um mesmo país. Como o “legal”, o “não” o “sim”, a raiva com punho fechados ilustram alguns exemplos.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

2

BORGES, Paulo. Sobre mãos: Da mãozada à terapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

A atenção diária fora e dentro da clínica sobre esta parte do corpo, que é o objeto deste artigo, pode trazer à consciência ainda mais atitudes caracteriais do cliente/cidadão inserido na trama social diária.

De acordo com Navarro (1996), a vegetoterapia se utiliza dos actings para possibilitar a mobilização das emoções retidas no corpo com a finalidade de permitir que o fluxo plasmático se expresse livremente pelo corpo e que com estes movimentos (por vezes involuntários) o paciente acesse e reviva as emoções e lembranças que foram armazenadas no seu corpo durante toda a sua vida. Desde os tempos uterinos, primeira infância e ao longo de sua vida adulta podendo ser registrado no corpo e na mente traumas vividos no dia-a-dia (NAVARRO, 1996).

Os actings se constituem em atuações em forma de movimentos ou pressões sobre determinada parte do corpo (os segmentos de couraças) que, durante o andamento do processo terapêutico de acordo com uma metodologia adequada e específica, mobilizará o corpo do cliente em direção à uma auto-regulação biológica.

Em outras palavras, os actings servem para a mobilização dos sete segmentos de couraças em sentido céfalo-caudal. O que possibilita re-estabelecer o funcionamento expressivo do corpo humano de forma mais legítima com a condição de desenvolvimento de cada ser humano (VOLPI, 2003).

O homem necessitou e ainda necessita das mãos durante sua evolução para construir instrumentos de defesa, caça, construção de lares, de valores, de cultura, leis normas e durante muitos séculos, a mão foi utilizada como alvo de punição tanto ao arrancá-las dos ladrões quanto ao punir as crianças nos internatos e escolas como palmatória.

Quanto à vegetoterapia, as mãos do terapeuta são bastante utilizadas. Não por haver toques por parte do terapeuta ao cliente, mas sim, quando o toque se fizer necessário, é importante que seja de forma branda, leve e atenciosa. Tanto na massagem diagnóstica quanto nos actings trabalhados para o segmento *ocular*, o terapeuta faz uso das mãos para realizar as *conchas* nos ouvidos do cliente, por exemplo.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BORGES, Paulo. Sobre mãos: Da mãozada à terapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

3

Haverá, durante o processo terapêutico, outros toques no corpo do paciente a fim de sentir as tensões musculares, a flacidez e a temperatura do corpo ou para mobilizar a musculatura do rosto ou do diafragma.

As mãos fazem parte do segmento cervical, entretanto tem profundas relações com o segmento torácico por tratar-se da ambivalência. As mãos representam entrega, recusa, afirmação ou afastamento, por isso elas se apresentam tão fortemente também nos trabalhos com o tórax, como veremos adiante (NAVARRO, 1996).

Durante o trabalho sobre o segmento cervical, como em qualquer outro, é bastante comum que o paciente sinta um “formigamento”, que desce e se espalha pelo corpo. Esta sensação é bastante natural e tem sua origem na percepção do movimento expressivo plasmático (REICH, 1989).

Utiliza-se o termo *expressivo* por que o paciente sente a descarga e a movimentação de uma fixação energética fluindo pelo seu corpo em busca de uma exteriorização. No livro *Análise do Caráter* (1989), Reich afirma que “emoção” significa “mover para fora”.

Este movimento corresponde ao movimento plasmático que passa pelo corpo e pede por expressão. Movimento que é sempre acompanhado por alguma sensação e emoção que se revelam no corpo pela contração de uma região do corpo, que encena legitimamente, uma defesa caracterial. Esta reação de *medo involuntário* se dá através de espasmos musculares, ou seu oposto: através da entrega do corpo a expressão fluida dos movimentos corporais.

No nosso caso, trabalhando o segmento cervical e torácico, as mãos expressarão as reações emocionais por meio de contração, relaxamento, sudorese ou tantas outras expressões relevantes para um trabalho terapêutico. Estalos, dores, ou fluidez de movimentos são frequentes e também revelados nos momentos de prazer e de trabalho manual como ilustrado no início do texto: cirurgiões, músicos e artistas.

De volta ao setting clínico, as mãos são necessárias também, para o acting do quarto segmento, o *torácico*. No acting de afirmação do eu, quando o



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BORGES, Paulo. Sobre mãos: Da mãozada à terapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

paciente bate no próprio peito dizendo “ eu, eu , eu” é a mão que é levada ao tórax em afirmação.

Segundo Navarro (1996), é bastante interessante termos em vista que a direção que a mão realiza para tocar o peito é onde se localiza a glândula do *timo* que dá ao corpo, ao ser humano a condição de unicidade, de individualidade. Desta maneira, a forma como o cliente gesticula ao trazer sua mão ao peito, pendendo mais para um lado ou outro, se é centralizada, se o toque é brusco ou não, revelam traços caracteriais do sujeito, ou indícios de como esta pessoa esta vivendo um momento de sua vida.

Por fim, a literatura reichiana e sua pratica clinica, em grupos ou individual, não deve ser nunca desassociada do corpo do cotidiano, do conhecimento da maneira como o cliente vive e se relaciona em todos os espaços pelos quais permeia suas relações.

O corpo em terapia reluz o corpo que é e se faz inteiro/fragmentado atravessado pelas representações da cultura onde é inserido. As praticas culturais como trabalho e lazer, em instituições domiciliares e públicas são regidas por linguagens e símbolos particulares a cada uma e que são armazenados na constituição individual e coletiva.

Desta forma o corpo se apresenta como um grande armazenador de expressões, sentimentos e conhecimentos oficiais como a língua portuguesa e extra-oficial como: as gírias e sinais que vêm se transformando ao longo das relações entre os homens.

Esta breve reflexão a respeito das mãos deve ser entendida como uma primeira e introdutória expressão escrita a respeito do corpo e suas relações diárias e clinicas. Ilustrações que podem elucidar as expressões dos indivíduos transparecendo as diversas formas de ser no cotidiano e atenciosamente trabalhados na clinica da vegetoterapia.

REFERÊNCIAS

NAVARRO, F. **Metodologia da Vegeto-Terapia Caracteroanaliica: sistemática, semiótica,semântica**. São Paulo: Summus, 1996

REICH, W. **A análise do Carater**. São Paulo: Brasiliense, 1989



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

5

BORGES, Paulo. Sobre mãos: Da mãozada à terapia. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M.: **Reich**: Da vegetoterapia à descoberta da energia orgone. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

AUTOR

Paulo Borges/PR - Psicólogo formado pelo UFPR(2009), Cursando a especialização em Psicoterapia Corporal pelo Centro Reichiano.

E-mail: pauloborgespe@gmail.com

